



NODEIRINHO (3270 Pedrógão Grande)

Propriedade da Igreja Paroquial da Graça

(Depósito Legal n.º 236/82)

MENSÁRIO — (AVENÇA)

ANO XXXII — 388
15 de Fevereiro de 1995

Director e Fundador — P.º ANÍBAL HENRIQUES COELHO
Director-Adjunto — JOÃO CARVALHO ROSA (João Viola)

Composição e impressão:
Gráfica Almondina — Torres Novas
Telefone 812499

Preço Avulso: 100\$00
Telefone: 036 — 50155

**«Verdadeiro valor não dão à gente.
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.»**

por Reis Brasil

II

Camões sabia muito bem que os seguidores da política costumam começar a sua carreira, nos melhores dos casos, com algumas doses de boas intenções, mas o exercício de tão perigosa magistratura (salvo raríssimas excepções) os vai amolecendo pouco a pouco até chegarem ao baixo estado de virem a chafurdar no pantanoso lodaçal das maiores misérias, com perda, quase completa, de qualquer espírito humanista, se é que, alguma vez, se esforçaram por dar provas dele. Nunca poderemos esquecer a máxima voltairiana de que «O PODER CORROMPE».

Perfeitamente sabedor destes imperiosos desvios na vida política, Camões aconselha a todos os que tentaram tão escabrosa viagem. Exige-lhes que iniciem o seu percurso, ponto um «FREIO DURO» em tudo quanto se refere a aproveitamento pecuniários, a tudo quanto possa incentivar neles a febre das riquezas, ou o culto desenfreado ao «metal luzente e louro».

Mas o Vate exige muito mais. Os pretensos cultores da «porca da política» devem também pôr esse mesmo «freio duro» em tudo quanto seja desejos desmedidos de mando, em tudo quanto esteja ligado a esse pendor febril da «AMBIÇÃO».

Estes são os ditames do homem sábio, do homem bom. Mas a realidade, numa forma quase inteiramente generalizada, é muito avessa a todos estes ditames de ordem natural, de exigência profundamente moralista. O não seguimento dos sábios ditames do grande MESTRE DA POLÍTICA (O genial Luís Vaz de Camões) são aquilo que todos podemos presenciar. OS POLÍTICOS (na sua quase totalidade) cometem as mais cruéis e degradantes indignidades («indignamente tomam mil vezes»).

(Continua na pág. 3)

O retrato de Leão XIII



No dia de anos do Papa Leão XIII, o pintor francês Chartran foi a Roma oferecer-lhe o retrato de

Sua Santidade, obra dos seus pincéis, e obra tão perfeita que o Santo Padre, ao vê-lo, logo redigiu este dístico:

«Quem se atreverá a negar a semelhança deste retrato, que tenho à vista?»

Somente Apelles, pintor grego, poderia fazer outro semelhante. Uma obra-prima.

O retrato foi posto junto da cama de Leão XIII, e mais tarde foi exposto no Salão dos Campos Elísios.

Chartran, assim que chegou a Roma, foi logo recebido pelo Papa que conversou com ele, sobre vários assuntos e mostrou-lhe o muito que se interessava pela França. Expressou-lhe o desejo de que o seu retrato fosse espalhado e propagado por todo o mundo.

(Continua na pág. 3)

ARTISTAS DA NOSSA TERRA



José Gomes Braz
(Reis Brasil)

Nasceu em Caségas, concelho de Covilhã a 5 de Maio de 1908.

O pseudónimo literário de «Reis Brasil» deriva de seu pai (Reis) e do seu próprio apelido (Braz) que transforma em «Brasil».

Aos 5 anos de idade, começa a ser instruído nas letras por sua tia, Maria Gomes Dias, professora primária na aldeia.

O Padre Alexandre, pároco da freguesia e muito amigo da família, incute-lhe forte desejo de vir a ser sacerdote.

Nos seus brinquedos havia sempre uma tendência para imitar todo o cerimonial eclesiástico. Isto dava imensa satisfação a sua mãe, que foi sempre uma católica exemplar.

Aos 11 anos de idade fica órfão de pai e, entretanto, termina a instrução primária.

Em virtude de atitudes hipócritas e caluniosas levantadas

(Continua na pág. 3)

O Papa em Manila

Grande é a preocupação das autoridades, sobre os perigos que corre a vida do Sumo Pontífice, por aquelas paragens.

São uns 100 os nomes dos fanáticos islâmicos que querem matar o Papa.

Um homem armado, que se dizia protector e defensor, foi preso pela polícia, como suspeito.

O activo policial consta cerca de 20 mil agentes.

Mas quem terá medo do Papa, o Mensageiro da Paz?

Pedrógão Grande na Literatura

Em Outubro de 1921, foi fundada, em Lisboa a «Seara Nova», revista de doutrina e crítica. Foram seus fundadores e primeiros directores os escritores seguintes: Aquilino Ribeiro, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Francisco António Correia, Jaime Cortesão, José de Azevedo Perdigão, Câmara Reis, Raul Brandão e Raul Proença.

No mesmo ano da fundação, depois de Outubro talvez, 6 deles visitaram Pedrógão Grande, onde se fizeram fotografar 6 membros do Grupo, como consta da foto infra, acompanhados do Pároco de então, o falecido P.º Francisco Fernandes, da Torneira.

Muito agradecemos ao Meritíssimo Dr. Juiz, Carvalho Martins a cedência da foto, constante de uma revista de 1971.

Foi nessa altura, uma honra para Pedrógão a visita de tão prestigiosos literatos nacionais.



Em Pedrógão Grande, no ano da fundação da «Seara Nova» (1921) Sentados da esquerda para a direita: Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro e Raul Brandão. De pé: pároco de Pedrógão, Dr. Teixeira de Vasconcelos, Raul Proença e Câmara Reis

VOLTA AO MUNDO

ALFENA — O Sr. Ministro do Emprego e Segurança Social, Engenheiro Falcão e Cunha, visitou o Centro Social Paroquial de Alfena, fundado e dirigido pelo dinâmico P.º Nuno António Maria Cardoso, Pároco de Alfena.

Do Fundo do Socorro Social, Falcão e Cunha, deixou cheque de 10 mil contos ao Centro Social de Alfena que, desde 1989, já recebeu um total de 170 mil contos.

LISBOA — O Primeiro-Ministro Dr. Aníbal Cavaco Silva anunciou que, a seguir a Outubro de 1995 —, abandonará a Política e o Governo e recomeçará a sua vida de Professor da Universidade.

O Dr. Santana Lopes, Subsecretário de Estado da Cultura, pediu a demissão.

LUANDA — A aguardente caseira de milho, misturada com

o maldito metanol roubado, já provocou mais de 100 mortos.

INGLATERRA — Um vendedor desonesto de automóveis, no mesmo dia em que foi condenado a 14 anos de prisão, saiu-lhe o prémio de 550 mil contos no totobola britânico.

Tinha 27 anos de idade. Vendia os automóveis, depois roubava-os aos clientes, usando chave sobressalente. E depois vendia tudo para a sucata.

ITÁLIA — Em todo o Mundo há 40 milhões, 747 mil e 716 alunos nas Escolas Católicas - mil cento e trinta Seminários maiores, 943 Universidades Católicas, e 161 mil e 647 Escolas de Ensino Secundário.

VATICANO — O Papa João Paulo II partiu de Roma, no dia 11 de Janeiro, para Manila,

(Continua na pág. 3)



FALECIMENTO

Em Linda-a-Velha, faleceu no dia 2 de Janeiro de 1995, o Sr. Fernando Henriques Lopes, de 73 anos, natural das Várzeas, Vila Facaia, casado com D. Maria Natália Graça da Silva.

Era pai da Sr.^a Dr.^a Maria Filomena da Silva

Lopes Carichas, e do Sr. Dr. António José da Silva Lopes da Costa, e sogro da Sr.^a Dr.^a Marília Delgado Paulo Lopes da Costa e do Sr. Engenheiro José Eduardo Ramos Carichas.

Era avô dos meninos:

Patrícia Maria Lopes Carichas, de 5 anos; Nuno Miguel Lopes Carichas, de 3 anos; Catarina Paulo Lopes da Costa, de 13 anos, e João Pedro Paulo Lopes Costa, de 12 anos.

O seu funeral realizou-se no dia 3 de Janeiro de 1995 para o cemitério de Carnaxide, com invulgar acompanhamento.

O falecido era irmão do nosso assinante colaborador Sr. Fausto Lopes da Costa, e ambos filhos do nosso saudoso professor de instrução primária, António Lopes da Costa, que muitos anos regeu proficuamente a velha escola de Altardo, Graça, e Vila Facaia, e antes a do Coentral.

As nossas condolências.

Boas-Festas do Natal de 1994 e Ano Novo de 1995

Enviaram a esta Redacção cumprimentos de Boas-Festas os nossos Amigos e Senhores:

Dr. Serafim Fernandes das Neves e Família, Lisboa; Dr. Francisco Rodrigues Pardal, Oeiras; Dr. Francisco Henriques das Neves, Angra...; Dr. Reis Brasil, escritor, Lisboa; Dr. A. Epifânio C. Martins, Esposa e Mãe, Pedrógão Grande, Dr. Armando Tavares, Médico da Graça; Dr. Gualter dos Santos, Advogado, Pombal; P.^o José Rodrigues Redondo, Lisboa; P.^o António Lourenço Amorim, Tomar; P.^o Arlindo Fernandes Pontes David, Pedrógão Grande; António Coelho da Fonseca, Lisboa; João Barreto Rosa, Pombal; Ângelo Alves Gouveia, Pombal; Abílio Dinis da Silva, Corroios; José Simões Moreira, Ermesinde; D. Isolina Alves Santos, poetisa, Bicesse, Cascais; Abílio Pereira Lopes, Lisboa; Artur Simões Caetano,

Lisboa; D. Arminda de Paiva Cardoso, Lisboa; Joaquim Maria Simões, Castanheira de Pera; P.^o José da Costa Saraiya, Vila Nova de Gaia; Dr. Jorge Costa Reis, Louriceira; D. Maria Helena Rosa O. Fidalgo, Prior Velho; D. Carolina da Silva Graça, Lisboa; Adelino Ferreira Graça e Família, S. Paulo, Brasil; Amadeu Rodrigues e Esposa, Tracy, Brasil; Dr. Silvio, Funchal; António Antunes M. Barra, Vale da Galega; Marcelo Nunes Graça e Esposa, Lucinda, Lisboa; José Gonçalves e Família, Vila Nova de Gaia; José Pereira e Esposa, Penela; José da Conceição Simões, Figueiró dos Vinhos; D. Isabel Maria Soares Valadão, Praia da Vitória; D. Maria Adelaide, José Simões e Patrícia, Arados; Virgínio Dias Vitorino, Brandoa; Armando David, Buraca; Manuel Carvalho da Silva, e Família, África do Sul; Dr. José Manuel Abreu, Coimbra; P.^o Domingos A. Moreira, Pigeiros, Feira; D. Eduarda Lopes Dias, Cabril, Pampilhosa; Luís Maria dos Santos e Família, Lisboa; Luciano dos Anjos Prata, Canadá; Constantino, Guilhermina e

Filhos, França; D. Zaida Noémia, Rui e Rafael, Flamengo; Bernardino e Fernanda Costa, Canadá; José Graça Conceição Nunes, Oeiras; D. Maria da Conceição Dias, Canadá; Governo Civil, Leiria; Carlos Laranjo Medeiros, Lisboa; Amílcar Tainha Lopes da Costa, Carvalhos; D. Ofélia Antunes, Porto Salvo; Alberto Pico, Amadora; António Henriques, Póvoa de St.^a Adrião; Vasco Pereira, Oficina de encadernação, Figueiró dos Vinhos; Fernando Lourenço dos Santos, Figueiró dos Vinhos; Dr. Fernando Branco, Médico, Figueiró dos Vinhos; Caixa Geral de Depósitos, Pedrógão Grande; República Federal de Alemanha, Lisboa; Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, Pedrógão Grande; Repartição de Finanças, Pedrógão Grande; EDP-Electricidade de Portugal, Lousã; Protecção Civil, Lisboa; Fábrica da Igreja Paroquial, Pedrógão Grande.

A todos agradecemos e retribuimos a gentileza, implorando a Bênção do Senhor Director da Voz da Graça, P.^o Aníbal Henriques Coelho.

FALECIMENTOS

— Em Vila Facaia, no lugar das Várzeas, faleceu no dia 24 de Novembro, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Herminia Maria, esposa do nosso assinante e amigo, Sr. Manuel Coelho da Silva, irmã do nosso assinante, Sr. Januário Dias.

Na Capela de Nodeirinho, foi celebrada Missa de 30.^a dia.

— Em Vila Facaia, faleceu, no dia 24 de Dezembro, o nosso assinante, Sr. Alberto da Cruz Moreira.

E ASSIM SE ENGANA O PÚBLICO!

Algumas pessoas nos vieram dizer que foram «enganadas» e exploradas do seu dinheiro pelo CTT.

Tentámos informar-nos nesta entidade mas... a conclusão a que chegámos é bem diferente daquela que esperávamos.

Sem procurar muito, já encontramos duas pessoas que se consideram lesadas por aqueles serviços.

Num dos casos, determinada pessoa dirigiu-se a uma Estação dos CTT, a fim de colocar as suas economias. Foi-lhe aconselhado o sistema de «valor crescente». Este cliente, por três vezes, depositou lá cerca de três mil e duzentos contos. Passados dois anos, tendo necessidade de levantar esse dinheiro acrescido dos respectivos juros do valor bonificado, teve a desagradável surpresa de só lá ter três mil e dez contos, isto é, menos que o capital que lá tinha depositado!...

Foi-lhe então explicado, de uma maneira bastante comprometida (segundo o relato desse cliente) que aquele produto dependia das variações da Bolsa, informação que nunca lhe deram, nem mesmo no momento em que fez os depósitos!...

No entanto, se lermos os impressos que foram distribuídos a fazer a publicidade desse produto, podemos ler, em **Letras garrafais**: «Sempre que precisar, tem o dinheiro disponível. E, ao contrário de outros produtos, NUNCA PERDE o rendimento diariamente acumulado, qualquer que seja o dia do reembolso. Ou seja, **DIA A DIA VÊ O SEU DINHEIRO CRESCER**». (???)

E, nessa publicidade ainda afirmam que aqueles produtos financeiros satisfazem todas as principais necessidades financeiras dos clientes!!! Que grande descaramento daquele que afirma que a rentabilidade desses produtos se tem situado sistematicamente acima da generalidade das alternativas existentes e com elevada segurança(?).

Esta maneira de agir, camuflando os riscos e abusando da boa fé e credibilidade dos clientes, deveria cair sob a «alçada» da lei e ter o castigo que merece.

No nosso País e na época actual, em quem poderemos depositar confiança? Adivinhe quem for capaz!

In «FOLHA DE TONDELA»

«VOZ DA GRAÇA» AVENÇA CREDENCIADA

Mensário Formativo e Informativo

Fundado em Abril de 1962

FICHA TÉCNICA

Director e Fundador:

P.^o Aníbal Henriques Coelho

Redacção:

Nodeirinho (Graça)

— 3270 PEDRÓGÃO GRANDE

Telefone (036) 50155

Depósito Legal: n.º 236/82

N.º de Registo na DGCS 104959

Colaboradores:

Dr. Juiz Desembargador Jubilado

Serafim Fernandes das Neves (Lisboa)

Dr. Reis Brasil (Lisboa)

Júlio Baptista Nunes (Reboleira)

Dr. João da Silva (Silvio) - (Funchal)

António da Rosa (Lisboa)

Ângelo Francisco Teixeira (P. Grande)

Armando David (Buraca)

Américo Rosa Lopes (Pesos Fundeiros)

P.^o Américo Brás da Costa (Lisboa)

P.^o José Rodrigues Redondo (Lisboa)

D. Arminda Cardoso (Lisboa)

D. Eduarda L. Dias (Pampilhosa)

Prof. Carlos Atalaia (Pedrógão)

Composição e Impressão

desde Abril de 1972

Gráfica Almondina Tel. 812499 - T. Novas

Assinatura anual (12 meses) — 1.000\$00

Número avulso — 100\$00

Tiragem mensal: 2.000 exemplares

Locais de pagamento, deixando por escrito o nome e morada

Na Graça: Sr. Manuel Santos, sacristão

Figueiró dos Vinhos: Café Central

S. Mário Rosa Antunes

Pedrógão Grande: Manuel Eduardo e

Carlos Louro

Em Castanheira de Pera: António

Martins - Barbearia

Nodeirinho: Redacção e João Viola

A prova do mel

Pouco se fala do mel, mas ele está a ser produto de intenso comércio, até no mercado externo.

No ano de 1994, produziram-se, em Portugal, cinco mil toneladas, e, destas, mil toneladas foram vendidas para Alemanha, Itália e Espanha.

Também o mercado nacional tem sido um bom campo de comércio. Se lembrarmos que em 1985 só se produziram 50 por cento de consumo nacional, e que cinco anos depois o País se tornou auto-suficiente até mil toneladas em 1994.

Faltam Jardins de Infância

As estatísticas mostram que mais de metade das crianças portuguesas não podem frequentar os jardins de infância gratuitos, porque os não há, ou por incompatibilidade com os horários ou com a vida profissional dos pais.

Entretanto, milhares de professores e outros educadores estão desempregados em virtude destas incompatibilidades.

Como resultado as crianças vadiam pelas ruas, ou ficam presas em casa, sujeitas aos acidentes de todos os dias.

Visitas à nossa Redacção

Deram-nos a subida honra da sua amável visita os nossos amigos, a quem muito agradecemos:

Manuel da Silva, Altardo; Artur Maria José, Pedrógão Grande; Dr. Armando Tavares, Médico da Graça; António

Henriques Troviscais; Abílio Tavares de Paiva, Nodeirinho; António Henriques Simões, Pedrógão Grande; José Pereira da Silva, Figueiró dos Vinhos; D. Helena de Sousa dos Santos, Nodeirinho; Mário Paiva de Carvalho, Marinha; António Dias da Silva, Lavandeira; Custódio José Carvalho Rosa, Figueira; Armindo Rosa Lopes e Esposa, Cabeças; João Viola, Nodeirinho; Manuel Antunes, Carteiro, Nodeirinho.

Dr. FERNANDO BRANCO

Médico Especialista de Clínica Geral

Telefone 52216

3060 Figueiró dos Vinhos

Consultas: Segundas, terças e quintas-feiras, (das 12 às 14 e das 18 às 20 horas).

Quartas-feiras (das 9 às 13 e das 18 às 20 horas)

Sextas-feiras (das 12 às 20 horas)

Sábados das 9 às 14 horas)

VENDO

- Balancé mecânico
- Torno de madeira.
- Máquina de pontos.
- Máquina de fazer rede de malha.

António Manuel, Serralharia Civil

Troviscais

Telef. 45775.



OURIVESARIA LOURENÇO

RELÓGIOS • OURO E JÓIAS
CASA ESPECIALIZADA EM ÓPTICA MÉDICA

TELEF. 036/52105

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

UMA TRADIÇÃO DE BEM SERVIR



Colossal sortido a preços baixos.
Taças, troféus e medalhas desportivas.



**«Verdadeiro valor não dão à gente.
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.»**

(Continuação da 1.ª página)

Qual o abismo para onde pretende precipitar os seus súbditos? Qual o acervo de calamidades que acabam por fazer cair sobre todo o povo, muito especialmente, sobre os mais necessitados, sobre os mais incautos, sobre os homens sinceros e de ingénua boa fé? Ufanam-se em os espezinhar, em os desfazer, em lançar sobre eles esse vício altamente vergonhoso, soberanamente perverso com que pretendem massacrar e castrar todos os homens bons, todos os cidadãos verdadeiramente dignos desse nome. Esse tal vício é conhecido com o maldito e infamante nome de «TIRANIA» que vai crescendo, como hidra de sete cabeças, disposta a devorar tudo e todos. Chegam a convencer-se (esses tais «porcos da política») de que triunfarão completamente com as suas maquinacões destruidoras, cada dia, cada momento mais velozes e mais prementes na sua obra devastadora.

Camões, na segunda parte da estância, ainda lhe apresenta uma tábua de salvação, dizendo-lhes que essas «ambições», essas honrarias duma mente estúpida e inconsciente, essa sua febre de mando e de riquezas, são coisas efémeras que não podem conceder uma pontinha da realidade digna desse nome, pois não devem servir para enganar seja quem for. A estância finda com uma certa concessão, só aplicável aos poucos que souberem agir em plenitude de consciência bem formada. Quanto a «HONRAS» e «VERDADEIRO VALOR» temos o final da estância:

**«Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.»**

O retrato de Leão XIII

(Continuação da 1.ª página)

O retrato foi reproduzido a água forte e o cromo-litografia, e por todos os processos da gravura, a fim de ser um popularizado.

Até então Leão XIII era representado como um ancião austero, duro e frio, o que não agradava nada a Sua Santidade.

Chartran deu-lhe outra expressão mais distinta.

Sentado no trono, em ampla poltrona de braços erguidos, o Papa volta ligeiramente a cabeça para o lado do pintor artista. O seu olhar tem doçura e uma melancolia difíceis de expressar, e o seu sorriso nada tem de amargo. Sobre o seu corpo de asceta, grande e flexível como uma cana, a sua fisionomia demonstra uma alma poderosa, enérgica e amorável.

As mãos que descansam sobre os braços da poltrona, são delgadas, nervosas, mas delicadas e aristocráticas, mãos de santo, num relicário.

O grande acontecimento do Salão de Paris que abriu, no dia 30 de Abril de 1892, foi o retrato de Leão XIII, do pintor Chartran.

Nota-se tanto mais esta obra do grande artista, quanto é fraquíssima, este ano, a secção de pintura.

O imortal Papa Leão XIII está sentado na sua cadeira da Biblioteca do Vaticano, onde foi retratado, servindo de modelo, durante muitas sessões, ao notável pintor.

Esta obra de pintura então de escola moderna causou a admiração do mundo inteiro.

É sem favor o mais precioso trabalho de pintura da época.

VOLTA AO MUNDO

(Continuação da 1.ª página)

dando início à sua 67.ª Viagem Apostólica ao Estrangeiro.

Andará por lá onze dias. Foi descoberta uma conjura de 2 muçulmanos para matar o Papa. Um foi preso. Está em acção uma força de 20 mil efectivos para defender o Papa. D. Ximenes Mendes Belo, Bispo de Dili, falou com o Papa, sobre Timor.

ESCÓCIA — Um médico cirurgião que tratou muitos doentes nos Hospitais, revelou que está contaminado pela sida. O caso está a causar pânico em todo o país.

ESPANHA — Mário Conde foi preso e escoltado por motos da Guarda Civil para a prisão de Alcalá-Meco, acusado de burla e de apropriação indevida de fundos, no valor total de 8 milhões e meio de contos.

Como em Portugal, a corrupção reina pela Espanha e Itália, quase por toda a parte do Mundo, infelizmente.

LOUSÃ — A Câmara Municipal comprou uma casa para oferecer ao presidente Mário Soares prometida já há 4 anos, por alturas da «Presidência Aberta». Já pode ir passar uma férias grandes, na pitoresca serra da Lousã.

É mais uma.

RHODE ISLAND — Na cidade de Foster, a viúva Betty Young gostava muito do carro, automóvel de cor creme, que Lester, seu marido lhe oferecera. Quando morreu, levou-o como caixão para a cova, aos 76 anos de idade. Foi enterrada dentro do seu querido «Cadillac de Ville», de 1980. Antes retiraram os assentos para o cadáver lá poder entrar.

ARTISTAS DA NOSSA TERRA

(Continuação da 1.ª página)

contra seu pai, há pouco falecido, sua mãe não consegue a admissão, deste seu filho, no Seminário do Fundão.

Graças aos Padres filhos do Imaculado Coração de Maria - hoje conhecidos com a denominação de «Padres Claretianos», residentes em Tortosendo — José foi levado, com 11 anos, para os colégios da referida congregação, pelo saudoso Padre João Monteiro.

Passaram a salto a fronteira espanhola e chegaram à cidade de Dom Benito, onde José foi acolhido e iniciou os seus estudos em «Humanidades» que decorreram sempre com êxito total, pois obteve sempre a Classificação de 20 valores.

Ao finalizar «Humanidades», José era considerado um grande latinista, poetizando em Latim e Grego. Foi colaborador de relevo da revista espanhola «Dandatus Latimus».

De Dom Benito seguiu para Jerez de Los Caballeros, onde fez dois anos de noviciado, cimentando o seu humanismo de profunda radicação cristã, gostosamente dominado por um pendor de tipo ascético — místico.

Feitos os votos religiosos, foi transferido para Águas - Santos onde se dedicou de alma e coração, ao estudo, fortemente empolgante, da Filosofia com o imprescindível conjunto das chamadas «Ciências Exactas», onde obteve as mais elevadas classificações, culminando na defesa da tese de «Doutoramento» com distinção e louvor unânime do respectivo júri.

Sem largar nunca mais o aprofundamento das suas teorias Filosófico-Científicas, foi transferido para o Colégio de Zafra, rondando os 20 anos de idade, com a alma repleta de novas vias do conhecimento, na ânsia de contribuir para a implantação desse ideal que ele ainda hoje classifica de «Humanismo Integral».

Inicia então o curso «Teológico» composto de variadas

disciplinas — Teologia Apolagética; Teologia Dogmática; Teologia Moral; Pastoral; Liturgia; Sagrada Escritura; Hebraico — com a duração de cinco anos, finalizando com o Doutoramento.

Graves vicissitudes da guerra civil espanhola, obrigaram-no a deixar Espanha e a acolher-se no ambiente materno em Casegas. Tudo desaparecera para sempre: livros prontos a serem publicados, apontamentos e estudos da mais variada ordem, tudo estava desfeito e perdido.

Agora tinha a mãe muito doente a viver com seu saudoso irmão António e as dificuldades eram muito sérias.

A vida na aldeia era agora um estagnamento, um tormentoso desfasamento, que foi atenuado pela nomeação para Professor do Seminário Maior de Évora. No ano seguinte exerceu o professorado liceal no Colégio Campos Mouteiro em Moncorvo.

Conseguida a documentação dos estudos anteriores, matricula-se na Faculdade de Letras de Lisboa, terminando com elevada classificação, a Licenciatura em Filologia Clássica.

Leccionou na Escola Industrial Marques de Pombal, donde transitou para a Escola Industrial Machado de Castro.

Preferindo o ensino liceal, foi valioso a sua acção nos liceus Pedro Nunes; Gil Vicente e Liceu de Santarém, onde se manteve durante 21 anos, embora os três primeiros fossem passados na Universidade de Toulouse em França, como Leitor de Português, onde foi notável a sua colaboração em revistas universitárias de França e outros países.

A partir de 1950 inicia intensa actividade como escritor de tipo poligráfico nos campos da poesia, do romance, da crítica literária e da filosofia de Cunho humanista.

Estão publicados mais de cem volumes, mas é imensa a reserva dos manuscritos à espera de publicação.

Foi colaborador de elevado número de jornais e revistas. A maior assiduidade neste campo, está arquivada nas páginas do Jornal «O Primeiro de Janeiro», para o qual escrevia semanalmente, com profundos estudos em «Artes e Letras».

Não se contentando com a publicação de «História da Literatura Portuguesa» em moldes de frontalidade e profundidade crítica, fez um estudo profundo sobre a obra «Vicentina», do qual apenas três volumes estão publicados com a denominação de «Obras Completas»; faltando a publicação dos sete restantes cujo manuscrito está pronto há mais de dez anos.

Só a publicação integral desta obra, conferirá a Mestre Gil o lugar de supremo pioneiro do teatro peninsular e de mestre incontestado do teatro mundial.

Veja-se, contudo, a sua obra «Gil Vicente e o Teatro Moderno». Em Poesia recordemos «Retalhos de Alam».

Reis Brasil, demonstrou irrefutavelmente, que o lirismo camoniano tem sido, em todos os tempos, incongruente interpretado e conspurcado com a mancha incrível do insensato

«Amor Platónico». Não se pode avaliar a lírica de Camões sem meditar nas premissas estabelecidas por Reis Brasil em muitas das suas obras e dos seus artigos e palestras feitas na então Emissora Nacional, durante mais de duas décadas. São modelares e clássicos estes dois estudos: «Camões e o Platonismo» que é o condigno complemento da obra fundamental «Amor de Camões».

A interpretação tradicional de «Os Lusíadas», segundo Reis Brasil, está repleta de erros a deturparem o pensamento camoniano.

Ele prova que todo o poema camoniano (cada canto, cada estância, cada verso, cada palavra) tem de ser interpretada com expressão de «verdades» ou de «Realidades».

Tem em seu poder o original da obra «Vida de Camões» editada em 1624 e de incalculável valor.

Não haverá exagero em dizer que Reis Brasil é «o maior intérprete camoniano».

Lamenta que não lhe tenham dado a oportunidade para editar o manuscrito com o título: «Comparação de «Os Lusíadas» com todas as epopeias da humanidade», onde se poderia sentir a total superioridade do Excelso Vate Luso, o mais sólido e profundo defensor do «Humanismo Integral».

Nunca ninguém escreveu tanto sobre Camões como Reis Brasil.

Apesar dos seus 86 anos continua a sua árdua tarefa.

Passou pelos liceus de S. João do Estoril; D. Pedro V e Passos Manuel onde ainda trabalha na recuperação dum imenso acervo de livros que são tesouro de incalculável valor para a cultura portuguesa.

Nunca conseguiu que algum dirigente do ministério da educação fosse ver o enorme e árduo trabalho realizado durante mais de 15 anos, nas mais desfavoráveis condições.

Por isso o escritor continua a clamar contra o triunfo da imbecilidade, devidamente fortificado com as tremendas baterias do «reino da mediocridade».

Das suas inúmeras obras, destacam-se as principais:

1955 - «O conceito de amor na Lírica Camoniana».

1956 - «O conceito de amor em Camões».

1956 - «Antero, Vale da Humanidade».

1957 - «O amor em Camões».

1957 - «A cantiga de Amigo».

1957 - «Auto da Alma».

1958 - «História da Literatura Portuguesa».

1958 - «Os Lusíadas».

Já publicou três livros de poemas:

- «Coração em chaga»

- «Retalhos d'Alma».

- «Deus e o Diabo».

É para mim extremamente honroso poder integrar nesta rubrica «Artistas da Nossa Terra» tão talentoso escritor e de fama internacional, honrando com o seu enorme saber, não só a sua terra natal e a cidade da Covilhã, como, indiscutivelmente, Portugal inteiro e, de quem muito mas muito, fica por dizer.

Manuel Correia
De «Notícias da Covilhã»

Memórias de um grande Médico

É o autor do precioso livro «Topografia Médica...», Dr. António Augusto da Costa Simões. Nasceu na Vacariça, Mealhada, a 23 de Agosto de 1819. Faleceu, na Mealhada, a 26 de Novembro de 1903, com 84 anos.

Filho do Capitão Francisco José Simões e de Teresa Justina de Jesus.

Cursou a Universidade de Coimbra, em Matemática e Filosofia, com matrícula de 7 de Outubro de 1835 e Medicina, com matrícula de 9 de Outubro de 1838.

Recebeu o grau de Bacharel, em 24 de Maio de 1842. De Licenciado, a 6 de Julho de 1848. E o grau de Doutor a 16 de Julho de 1848. Regeu a Cadeira de Opositor, de 1848 a 1849. Física Médica, 1849 a 1852. Patologia Geral, 1849-1852. Clínica dos Homens. História. Natural Médica.

Anatomia Humana Descritiva e Comparada. Medicina Legal. Fisiologia e Higiene. Pontos e Moléstias de Puéperas. Histologia e Fisiologia Geral, 1863-1882, Lente.

Foi jubilado, como Lente de Prima, por Despacho de 25 de Maio de 1882.

Exerceu o cargo de auxiliar do ajudante de Clínica dos Hospitais da Universidade, de 1848 a 1849.

Secretário da Faculdade de Medicina, desde 7 de Maio de 1852 a 1855.

Administrador dos Hospitais da Universidade, em 1870. Director do Gabinete de Histologia e Fisiologia Experimental, de 1874 a 1882. Decano e Director da Faculdade de Medicina, a 10 de Novembro de 1881.

Administrador dos Hospitais da Universidade, de 1882 a 1883.

E Reitor da Universidade de Coimbra, desde 29 de Setembro de 1892, a 17 de Fevereiro de 1898.

Publicou muitos artigos em «O Instituto», no «Coninbricense», na Revista Médica de Lisboa, na Coimbra Médica, etc.

E ainda «História do Mosteiro da Varaciça e da cerca do Buçaco» (Coimbra, 1853);

«Topografia Médica das Cinco Vilas e Arega», em 1848 (Coimbra, 1860).

«Elementos de Fisiologia Humana...» (Coimbra, 1861-1869).

«Hospitais da Universidade de Coimbra, Projecto de Reconstrução do Hospital do Colégio das Artes» (Lisboa, 1869).

«O ensino prático na Faculdade de Medicina» (Coimbra, 1880).

«Notícia Histórica dos Hospitais da Universidade (Coimbra, 1882). «Dietas e rações...» (Coimbra, 1882). «Abastecimento de Águas, em Coimbra», (1883). «A minha administração dos Hospitais da Universidade de Coimbra (1886). Construções Hospitalares (Coimbra, 1890).

Exerceu clínica em Figueiró dos Vinhos até 1847, onde, com base na sua experiência, escreveu o ensaio no livro «Topografia Médica...».

Foidespachado Físico-Morda Índia, em 7 de Dezembro de 1852. Não chegou a tomar posse desse alto cargo. Foi nomeado Sócio Honorário do Instituto de Coimbra, em 13 de Abril de 1852, e depois sócio efectivo e Presidente em 6 de Fevereiro de 1867.

Conseguiu um donativo para a construção dos Paços do Conselho e do Hospital da Mealhada. Foi Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, em 1856 e 1857.

Os altos muros do cemitério da Conchada são obra do seu Mandato.

Foi associado provincial da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 23 de Março de 1857, e depois sócio correspondente. Deve-se-lhe a criação da cadeira de Histologia e Fisiologia Geral da Faculdade de Medicina. Em 1862 foi sócio da Academia de Medicina de Turim. Por Portaria de 18 de Agosto de 1864 foi nomeado para estudar a organização do ensino de Histologia e Fisiologia Experimental em França, Inglaterra e Alemanha e entre 1864 e 1866 visitou diversas faculdades de medicina desses países.

Em 1868 e 1870, foi deputado às Cortes por Figueiró dos Vinhos. Em 1869-1870, foi Vice-Presidente da Câmara dos Deputados.

Em 1881, iniciou um curso de informação de enfermeiros, numa tentativa de criação de uma escola de enfermagem.

Em 1883, foi encarregado da reforma dos Hospitais da Misericórdia do Porto.

Em 21 de Fevereiro de 1883, os seus alunos prestaram-lhe uma homenagem.

Em 2 de Dezembro de 1885, foi Par do Reino.

Foi encarregado de várias missões científicas ao Estrangeiro. Iniciou a exploração das águas do Luso e a criação das respectivas termas.

Foi o fundador da Sociedade Literária de Coimbra. Foi Sócio correspondente da Sociedade Antropológica Espanhola de Madrid e da Société de Antropologie de Paris. Foi sócio honorário do Retiro Literário Português do Rio de Janeiro. Foi Comendador da Ordem da Rosa do Império do Brasil. Foi-lhe oferecida a Comenda de Santiago da Espada, mas não aceitou.

Em 9 de Setembro de 1928, na Mealhada, sua Terra Natal, foi inaugurado um monumento, em sua honra, construído por subscrição pública.

Foi médico do Seminário de Coimbra, desde 1858 as 1865, onde prestou relevantes serviços, em Fevereiro de 1883, em face de uma grave surtida de gripes, em Coimbra, e no Seminário, como noticiámos, no n.º 370-Agosto de 1993. Fez parte de uma Comissão de emergência nomeada pelo Bispo Conde, D. José Manuel de Lemos, de saudosa memória. Ficou na História do grandioso Seminário de Coimbra.

Coisas da Comunidade...

ABATER MACIEIRAS

Os agricultores interessados no arranque de pomares de macieiras, poderão entregar o seu pedido para o respectivo prémio, até 31 de Janeiro.

O pedido deverá ser feito nos Serviços Regionais de Agricultura da área da exploração, através do preenchimento dos impressos respectivos.

Assistência Social

O Ministro do Emprego e Segurança Social, Falcão e Cunha, anunciou que vai dar em 1995 a cerca de 2600 instituições de solidariedade social, mais de cem milhões de contos.

O ministro deu esta notícia quando se encontrava em Castelo Branco.

BREVES

Acidente de Viação

Na localidade de Gala, Figueira da Foz, ocorreu um grave acidente de viação que envolveu quatro viaturas.

Morreram quatro pessoas e seis ficaram em estado grave. O acidente deu-se por um dos condutores ter adormecido. O cuidado que é preciso com o trânsito!...

APOIO AO ENSINO ESPECIAL

A escolaridade obrigatória no Ensino Especial passa dos seis aos doze anos, aumentando assim dois anos, pois era apenas até aos dez.

As mensalidades por aluno baixaram de 80.200\$00 para 72.800\$00. Esta redução, à primeira vista não muito justa, aparece algo compensada com um subsídio mensal de 35.000\$00 por criança aceite, antes dos 6 ou

para além dos 12 anos.

Estes são elementos-chave conseguidos nas negociações entre os representantes dos 33 Centros de Ensino Especial Privados, a trabalhar ao serviço e valorização de quatro mil crianças afectadas por deficiência, e o Ministério da Educação.

As mudanças introduzidas significam um aumento de

verbas estatuais da ordem dos 2 milhões de contos.

Este acordo final só foi possível por os responsáveis de tais Centros de Ensino terem decidido fechar as portas no início deste segundo período.

Será que os governantes só entendem e ouvem a voz da força, esquecendo ou secundarizando as exigências da justiça?



Agradecimento

Em Lisboa, faleceu, por acidente, no dia 6 de Dezembro de 1994, o Sr. Amílcar da Piedade Luís, de 52 anos, natural do Marroquim, Pedrógão Grande, filho de Serafim Luís e de Otilia da Piedade, nossos assassinos. Era casado com a Sr.ª D.ª Maria Delfina Tanixa Luís. Era pai de Sílvia Tanixa Luís e de Miguel Tanixa Luís, ambos estudantes.

O funeral realizou-se no dia 10, com enorme acompanhamento, para o Cemitério do Alto de S. João.

A família agradece a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

Agradecimento Isaura Mendes das Neves Barata

Filhas, Fernanda de Jesus Neves Barata e Maria José das Neves Barata Nogueira; genros, António Henriques e Daniel Alves Nogueira; netos, Isaura H. Barata Nogueira e Aires Barata Henriques, Maria Luísa Pestana Henriques e Bisneta, Catarina Barata Henriques na impossibilidade de o fazerem pessoalmente como seria seu desejo, vêm por esta forma agradecer a todas as pessoas que por diversos meios apresentaram os pêsames e a acompanharam à sua última morada.

ALTERAÇÕES AO CÓDIGO PENAL

Na sequência da autorização legislativa concedida pela Assembleia da República foi aprovado pelo Conselho de Ministros um conjunto de alterações ao Código Penal.

Mantendo-se dentro da filosofia que inspirou inicialmente o Código — em vigor desde 1 de Janeiro de 1983 — introduzem-se importantes alterações que a experiência colhida demonstrou necessárias com vista a uma melhor adequação à realidade mutável do fenómeno criminal.

Entre elas, destacam-se as seguintes:

— Agravamento das penas previstas para os crimes contra as pessoas e para os crimes cometidos com violência;

— Alargamento das situações de recurso a medidas alternativas à prisão para crimes de pequena gravidade, com destaque para o trabalho a favor da comunidade, na linha das recomendações de instâncias internacionais;

— Dignificação da pena de multa enquanto medida punitiva e dissuasora, através de um significativo aumento dos montantes aplicáveis, de modo a configurá-la como verdadeira e eficaz alternativa à pena de prisão;

— Previsão de novos tipos de crime nascidos da própria dinâmica social, como a burla informática, os danos contra a natureza, a poluição, a condução perigosa de veículo e o tráfico de influências;

— Agravamento das penas aplicáveis aos crimes sexuais, operando-se um especial reforço nas sanções deste tipo de crimes quando praticados contra menores.

Código de Processo Civil

O Conselho de Ministros aprovou uma proposta de lei a apresentar à Assembleia da República no sentido de ser autorizado a rever o Código do Processo Civil.

Visa tal autorização legislativa permitir a realização dos seguintes objectivos fundamentais:

— Concretizar, ao nível do processo civil, o direito fundamental de acesso à Justiça e aos Tribunais, consagrando que tal direito envolve a obtenção, em prazo razoável, de uma decisão de mérito e afirmando como princípios estruturantes do processo civil os do contraditório e da igualdade das partes;

— Consagrar a legitimidade para a tutela de interesses difusos nas acções que visem a defesa da saúde pública, do ambiente e qualidade de vida, do ordenamento do território e do património cultural, atribuindo-a ao Ministério Público, às Associações de defesa dos interesses em causa e aos cidadãos em geral;

— Admitir, como regime-regra, a citação por via postal mesmo para as pessoas singulares, inserindo-o num especial quadro de garantias do cidadão;

— Instituir a possibilidade de recurso directo da 1.ª instância para o Supremo Tribunal de Justiça, sempre que o valor da causa ou da sucumbência seja superior à alçada da Relação e o objectivo do recurso se reporte exclusivamente a questões de direito;

— Rever, no que respeita à acção executiva, o regime da penhorabilidade e impenhorabilidade dos bens articulando-o com a lei substantiva e com a realidade social vigente.

A presente iniciativa legislativa insere-se num quadro de desburocratização e de modernização, com vista a melhor atingir a qualidade na prestação de serviços ao cidadão que recorre aos tribunais.

CARTAS AO DIRECTOR

Ex.^{ma} Senhor,

Informamos V. Ex.^{as} que no passado dia 4 de Dezembro foi realizado um ALMOÇO-CONVÍVIO dos Escalos do Meio, no Restaurante «A QUINTA», em Odivelas.

Estiveram presentes 160 pessoas, das quais 35 vieram dos Escalos do Meio, tendo corrido tudo muito bem. Estiveram também presentes os Senhores Presidentes das Associações de Melhoramentos dos Escalos e da Derreada.

Este almoço foi promovido pela COMISSÃO DE FESTAS e teve por objectivo promover uma maior aproximação entre as pessoas e angariar fundos para acabar com as obras na Capela de Nossa Senhora da Consolação, cuja data de construção remonta ao ano de 1656.

As obras de conservação a efectuar na Capela constam no essencial do arranjo do altar, chão, púlpito, vitrais e portas,

com destaque especial para o altar que está em muito mau estado.

Colaboraram neste acontecimento as seguintes organizações:

- HOOVER Portugal
- José Reis & Antão
- Restaurante «A QUINTA»
- Câmara Municipal de Pedrógão Grande.

Pelo impacto que teve, gostaríamos que este acontecimento tivesse uma nota de reportagem na próxima edição do vosso jornal «VOZ DA GRAÇA» e, para isso, pedimos a vossa melhor colaboração.

Com os nossos cumprimentos e os votos de BOAS-FESTAS, subscrevemo-nos, Atentamente.

Lisboa, 07-Dezembro-94.

Comissão de Festas dos Escalos do Meio
Deleg. em Lisboa

Coincidências deveras cuirosas

O célebre Marquês de Pombal, de nome Sebastião José de Carvalho e Melo, nasceu em Lisboa, no dia 13 de Maio de 1699, e foi baptizado no dia 6 de Janeiro, Dia de Reis, de 1700.

E 218 anos depois, no dia 13 de Maio de 1917, a Virgem Maria Nossa Senhora pousava sobre os ramos da azinheira, na Cova da Iria; e no Vaticano, o Cardeal Eugénio Pacelli era coroado Papa Pio XII.

O Marquês de Pombal é uma figura controversa.

O poeta Guerra Junqueiro

chamou-lhe brutamontes raciocinante.

O romancista Camilo Castelo Branco, no seu livro «Perfil do Marquês de Pombal», o livro admirável da sua melhor prosa, nega ao estadista todo o valor e talento.

É certo que foi homem impiedoso, cruel, tirânico e por vezes, mesquinho. Mas também não se lhe pode negar o seu labor, a sua grandiosa visão e a sua altivez patriótica, numa época da história, apoucada em homens e feitos.

O Poeta Luís de Camões esteve em Pedrógão Grande

Desterrado da Corte para Monte Alvo, Constância, no Ribatejo, o autor de «Os Lusíadas» veio de visita ao Frei Luís de Granada e dominicanos, do Convento da Luz, em Pedrógão Grande. Extasiado com as delícias da quinta do Convento, Camões escreveu a Canção «O Pomar Venturoso». Miguel Leitão de Andrade publicou esta excelente canção na sua *Miscelânea*, de 1629, e mais outras duas:

«Quem com sólido intento» e «Que é isto, sonho? Ou vejo a nimpha pura?».

Nos últimos anos da sua vida, Miguel Leitão habitava na Calçada de Santa Ana. Muitas vezes uma sepultura rasa, com uma inscrição a indicar que lá estavam os restos mortais de Luís de Camões. Como era admirador do grande poeta, dispôs-se a prestar-lhe uma muito singela homenagem e mandou forrar de azulejos uma parte da parede junto à sepultura, com esta inscrição:

O Grã Camões aqui jaz,
Em pouca terra enterrado,
Nas terras tão nomeado,
De espada tão eficaz,
Quanto na penna afamado

(De Júlio Castilho — «Lisboa Antiga»)

Tem piada!

Francisco Xavier de Mendonça, irmão do Marquês de Pombal, era ministro da Marinha, pasta em que prestou bons serviços. Jácome Ratton, nas suas recordações, publicadas em 1813, conta que este ministro morreu de desgosto, em Vila Viçosa, em poucos dias porque, tendo recebido um rústico teimoso em uma pretensão, disse-

-lhe: «A decisão não depende de mim; depende de el-rei. Ele não te despacha: vai dar-lhe com um pau!», e o rústico, tomou o dito à letra, esperou o rei D. José a uma porta do palácio, quando ele saía a cavalo para a caça e atirou-lhe uma paulada. Uma bordada «sacrilega» que custou ao patego a sua prisão e morte, no cárcere.

«Miscelânea» de Miguel Leitão de Andrade



Vende-se na Biblioteca Municipal de Pedrógão Grande, a 4 000\$00, cada exemplar.

É a 3.ª Edição, com o patrocínio da Câmara Municipal e Comendador Nunes Corrêa.

Tem mais de 500 páginas. A primeira edição data de 1629, por Mateus Pinheiro.

A 2.ª edição data de 1867, da Imprensa Nacional, corrigida por Francisco Inocêncio da Silva.

A *Miscelânea* pagava-se por avultado preço.

Vendia-se a 8 mil réis, e mais, desde muitos anos.

Os *Lusíadas* são a «bíblia» dos portugueses.

A *Miscelânea* deve ser a «bíblia» dos pedroguenses. Deve entrar em todas as casas.

Tudo o que eu vejo

Nasci triste e pequenina
e o mundo nunca me viu
mas consigo ver sozinha
o que ele nunca descobriu.

Tenho olhos de poeta
e vejo o mundo diferente
Nego as flores na campina
e a beleza do sol nascente.

O mundo passa correndo
não se apercebe da vida
nem da beleza dos campos
nem da miséria escondida.

Beijo meninos perdidos
pela berma dos caminhos
vivendo desprotegidos
que o mundo deixou sozinhos.

É tudo isto que eu vejo
e sinto no coração
no campo vejo as flores
e as crianças sem ter pão.

Bicesse, 19-III-1977.

Isolina Alves dos Santos

«NOTAS»

Não venhas com melodias
Que são «NOTAS» musicais.

Apontamentos, em dia,
São para mim «NOTAS» banais.

«NOTAS» do Banco, eu queria;
São dessas que gosto mais.

23-2-94.

Armando David

O poeta Paul Claudel e a Igreja

Bendita sejas, Igreja, excelsa Mãe, em cujos joelhos tudo aprendi!

Bendita sejas, ó Mãe augusta pelo perdão que me garantes, pelos lares cristãos que suscitais, protejes e alimentas; pelo mundo interior que me descobres; pela esperança que em mim sustentas; pelas ilusões que dissipas para que seja mais pura a minha adoração.

Bendita sejas, Mãe ilibada, que me infundes e conservas uma fé sempre íntegra! Mãe fecunda, que me dás continuamente novos irmãos. Mãe universal, que por todos te desvelas igualmente: pelos pequenos e grandes, pelos ignorantes e doutos; pela gente humilde das paróquias e pelo rebanho escolhido das almas consagradas.

Mãe veneranda, que me conservas a herança dos sécu-

los e retiras para mim, do teu tesouro, coisas antigas e novas.

Mãe vigilante, que me defendes contra o inimigo.

Mãe amorosa, que me atraís a Ti para me encaminhar a Deus, que é todo Amor.

Mãe ardorosa, que acendes, no coração de teus melhores filhos, a chama do zelo sempre atento e os mandas por todas as partes como mensageiros de Jesus Cristo.

Mãe dolorosa, em cujo coração trespassado pela espada, se reaviva, de época em época, a paixão do teu Esposo.

Mãe forte, que me incitas a combater e a testemunhar Nosso Senhor. Tu me dás todos os dias Aquele que é Vida e a Verdade. Por ti, nós temos n'Ele a Esperança e a Vida.

Paul Claudel (1868-1955), grande convertido e um dos maiores poetas deste século.

O Comunismo

Este sistema subversivo da sociedade actual, procurando fundar-se na natureza humana, toma por base que todos os bens, sejam de todos, e que não se conheça nem admita na sociedade o direito de propriedade.

Proudhon teve o descaramento de dizer que a propriedade é o roubo.

O comunismo nega o direito de propriedade, desorganiza a sociedade e é irrealizável.

É uma verdade incontestável que o direito de propriedade se funda na natureza humana. De tal forma o homem é constituído que as suas necessidades e aspirações não se satisfazem, atendendo apenas ao momento presente. O homem tem a faculdade de transformar os objectos pelo seu trabalho e destiná-los ao seu bem.

Como o poderá conseguir se não se aceitar o direito de propriedade?

Mas o homem além das suas necessidades actuais e futuras, também provê as da família, especialmente às dos filhos que continuam a sua personalidade.

A própria natureza dirige o homem pela mão a olhar por eles como por si mesmo, a garantir e a assegurar-lhes o futuro

e a velar pelas suas prosperidades.

Portanto todos os esforços que o homem emprega para a aquisição legítima da propriedade são justos, conformes à natureza e adaptados ao seu fim.

Contra os comunistas sustentamos que todo o homem tem direito de apreender uma coisa que não pertença a outrem, que pode ocupá-la e acomodá-la aos seus fins racionais. E este direito é tão sagrado que ninguém justamente o pode perturbar no seu uso legítimo.

É nisto que consiste o direito de propriedade. Ocupadas as coisas, o homem possuidor delas continua a aplicar-lhes a sua actividade e a imprimir-lhes o selo da sua pessoa; desde então, todo o produto do seu trabalho ou do suor do seu rosto é uma propriedade sua em cujo gozo ninguém pode partilhar, a não ser por seu consentimento. Portanto a propriedade não é comum.

Parece-nos que as chamadas «reservas de caça» em que os legítimos direitos dos seus donos não são respeitados, têm sabor a comunismo, ao qual o próprio Mário Soares chamou um embuste, quando caiu na Rússia.

D. Sancho I — O Povoador

Povoou o território português
Que recebo do pai, por sucessão,
Vem povoleu da estranja, em multidão,
Que não é, para mim, sempre cortês...

Vou expulsando islã, sem trepidez,
Mas às vezes retorna ao mesmo chão!
Meu Chanceler, chamado Julião,
Presta-me o seu auxílio, sem dublez!...

Com certos bispos entro em desavenças,
Mas nada disso abala as minhas crenças
Haverá boa solução, alfim!...

Pretendo transformar o meu País,
Desde os tempos remotos de petiz,
Num formoso e odorífero jardim!...

Silvio

Cartório Notarial de Pedrógão Grande

A cargo da Notária Lic. **Zulmira Maria Neves da Silva**

Certifico, para fins de publicação, que por escritura de justificação e doações lavrada em 13 de Dezembro de 1994, no livro de notas número 9 - C, de folhas 62 verso e seguintes, compareceu:

MARIA DO CARMO TOMÁS, viúva, natural da freguesia e concelho de Pedrógão Grande, onde reside no lugar de Valongo, contribuinte fiscal número 144747537. E, declarou:

Que é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem dos seguintes prédios situados na freguesia e concelho de Pedrógão Grande, que se encontram relacionados no documento complementar elaborado nos termos do artigo setenta e oito, número dois do Código do Notariado, sob os números:

Verba Número Um — Prédio urbano, sito em Valongo, composto por uma morada de casas, com a superfície coberta de sessenta metros quadrados, a confrontar: do norte, com António Marques; do sul, nascente e poente, com a Rua, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 1.080, com o valor patrimonial de quatro mil duzentos e quarenta e um escudos.

Verba Número Dois — Prédio urbano, sito em Valongo, composto por uma morada de casas, com a superfície coberta de cento e noventa e cinco metros quadrados, e logradouros com a superfície de quarenta metros quadrados, a confrontar do: norte, com a rua; do sul, com Carlos Silva Martins; nascente, com Carlos Silva Martins; e do poente, com Manuel Tomás, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 1.081, com o valor patrimonial de cinco mil seiscentos e sessenta e um escudos.

Verba Número Três — Prédio rústico, sito em Cinco Leiras, composto por terreno de pinhal e mato com a área de dezasseis mil seiscentos e sessenta metros quadrados, a confrontar do: norte, com António Marques Fernandes; do sul, com Manuel Caetano Júnior; nascente e poente, com o viso, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 5.837, com o valor patrimonial de vinte e oito mil trezentos e cinquenta e quatro escudos.

Verba Número Quatro — Prédio rústico, sito em Venda da Gaita, composto por terreno de cultura com oliveiras, pinhal e mato, com a área de dois mil quatrocentos e dez metros quadrados, a confrontar do: norte, com Maria do Carmo Nunes; do sul, com Ivo Lopes Cortez, do nascente, com Maria do Carmo Nunes e outros; e do poente com Roberto das Neves, inscrito na respectiva matriz, sob o artigo número 5.961, com o valor patrimonial de cinco mil oitocentos e sessenta e um escudos.

Verba Número Cinco — Prédio rústico, sito em Lameira, composto por terreno de pinhal, com a área de mil novecentos e cinquenta e cinco metros quadrados, a confrontar: do norte, com António da Conceição Oliveira; do sul, com José Conceição Oliveira e outros; do nascente, com Artur Antunes dos Reis e outros; e do poente, com Raul Antunes dos Reis, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 11.714, com o valor patrimonial de quatro mil quinhentos e quinze escudos.

Verba Número Seis — Prédio rústico, sito em Tapada, composto por terreno de pinhal, com a área de noventa metros quadrados, a confrontar: do norte e nas-

cente, com José Maria Alves Cortez; do sul e poente, com António Carlos Rebelo Arnaut, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 14.214, com o valor patrimonial de duzentos e trinta e oito escudos.

Verba Número Sete — Prédio rústico, sito em Vergada, composto por terreno de pinhal, com a área de quatrocentos e oitenta metros quadrados, a confrontar: do norte, com António Conceição Oliveira; sul, com João Lopes Cortez; nascente, com José Conceição Oliveira; e poente, com o viso, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 14.270, com o valor patrimonial de mil e oitenta e três escudos.

Verba Número Oito — Prédio rústico, sito em Cavadas, composto por terreno de pinhal, com a área de mil oitocentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar: do norte, com José Tomás dos Anjos; sul, com Álvaro Baeta Rebelo; nascente, com o viso e estrada; e poente, com Álvaro Baeta Rebelo, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 14.569, com o valor patrimonial de quatro mil duzentos e cinquenta e um escudos.

Verba Número Nove — Prédio rústico, sito em Lameira, composto por terreno de cultura com oliveiras e videiras em latadas, com a área de sete mil quinhentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar: do norte, com José Firmino Henriques; do sul, com João Silva Martins; do nascente, com Mário Coelho, e viso; e do poente, com o viso, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 16.958, com o valor patrimonial de dezasseis mil seiscentos e trinta e dois escudos.

Verba Número Dez — Prédio rústico, sito em terra da Rua, composto por terreno de cultura com oliveiras, videiras em latada e fruteiras, com a área de quatro mil e cinquenta metros quadrados, a confrontar: do norte, com João Fernandes e outros, do sul, com António Serra, do nascente, com Maria do Carmo Tomás e rua; e poente, com a estrada, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 16.997, com o valor patrimonial de quinze mil oitocentos e noventa e três escudos.

Verba Número Onze — Prédio rústico, sito em Vale de Paulos, composto por terreno de cultura com oliveiras, videiras em latada, pastagem e pinhal, a confrontar: do norte, com o caminho; do sul,

com José Firmino Henriques; do nascente, com o caminho; e do poente, com José Henriques, com a área de dois mil e trezentos metros quadrados, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 17.007, com o valor patrimonial de sete mil quinhentos e setenta e sete escudos.

Verba Número Doze — Prédio rústico, sito em Ribeiro do Souto, composto por terreno de pinhal, com a área de quatro mil e novecentos metros quadrados, a confrontar: do norte, e sul, com o viso; do nascente, com Serafim Tomás; e do poente, com Maria do Carmo Pereira Tomás, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 17.638, com o valor patrimonial de oito mil trezentos e dezasseis escudos.

Todos os referidos prédios se encontram omissos na Conservatória do Registo Predial de Pedrógão Grande, à excepção da verba número dois que se encontra descrita na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o número zero mil trezentos e noventa e quatro, sem qualquer inscrição em vigor e cuja divergência com a respectiva descrição resulta da alteração superveniente, encontrando-se os mesmos prédios inscritos na matriz em nome da justificante.

Que os referidos prédios lhe pertencem por os possuir há mais de vinte anos, em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceu sem interrupção e ostensivamente, com o conhecimento e acatamento de toda a gente, sendo por isso, uma posse pública, pacífica e contínua, pelo que adquiriu os referidos prédios por usucapião, não havendo todavia dado o modo de aquisição documento que lhe permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Que atribui aos referidos prédios os mesmos valores que os patrimoniais, que somam a importância de cento e dois mil seiscentos e vinte e dois escudos, valor desta justificação.

Está conforme.

Pedrógão Grande, 21 de Dezembro de 1994.

O Ajudante,

(Assinatura ilegível)

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial do Concelho de Figueiró dos Vinhos

A Cargo da Notária Lic. **Marta Maria Ferreira Agria Forte**

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura outorgada hoje neste Cartório Notarial e exarada de folhas setenta e duas, a folhas setenta e três, verso do livro de notas para escrituras diversas trinta e dois-C, MANUEL FRANCISCO MANILHA DAVID e mulher GRA-CINDA DA SILVA CARRELLHAS DAVID, casados sob o regime de comunhão geral, naturais ele da freguesia de Santa Isabel e ela da freguesia de S. José, ambas do concelho de Lis-

boa e residentes na Rua Direita de Massamá, 141 em Queluz, declararam:

Que com exclusão de outrem donos e legítimos possuidores do prédio seguinte sito na freguesia de Graça:

Terra de cultura com oliveiras, seis fruteiras, cento e trinta videiras em cordão e mato, com um sobreiro, com a área de nove mil oitocentos e setenta metros quadrados, sita em Lameira, que confronta de norte com José Pi-

CARTÓRIO NOTARIAL DE PEDRÓGÃO GRANDE

A cargo da Notária, Lic. **Zulmira Maria Neves da Silva**

Certifico, para fins de publicação, que por escritura de justificação lavrada em 13 de Dezembro de 1994, no livro de notas número 8-B, de folhas 10 e seguintes, compareceram:

BENILDE MARIA DO CARMO TOMÁS e marido **ANTÓNIO HENRIQUES SIMÕES PALHEIRA**, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia e concelho de Pedrógão Grande, onde residem no lugar de Valongo, contribuintes fiscais respectivamente números 140006095 e 103964177.

E, declararam:

Que com exclusão de outrem são donos e legítimos possuidores do prédio rústico, composto por terreno de cultura com oliveiras e pinhal, sito na Cova da Fonte, freguesia e concelho de Pedrógão Grande, com a área de três mil e quinhentos metros quadrados, a confrontar: do norte, com António Correia Serra; do sul, com João Silva Martins; do nascente com Aníbal Barata; e do poente, com José Firmino Henriques, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 16.971, com o valor

patrimonial de seis mil e seiscientos escudos, omissos na Conservatória do Registo Predial de Pedrógão Grande, e inscrito na matriz em nome da justificante mulher.

Que atribuem a esta justificação o valor de dez mil escudos.

Que o referido prédio lhes pertence por o possuírem há mais de vinte anos, em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente com o conhecimento e acatamento de toda a gente, sendo por isso uma posse pública, pacífica e contínua, pelo que adquiriram o referido prédio por usucapião não havendo, todavia dado o modo de aquisição documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Está conforme.

Pedrógão Grande, 2 de Janeiro de 1995.

O Ajudante,

Ana Maria Gomes Vicente

CARTÓRIO NOTARIAL DE PEDRÓGÃO GRANDE

Certifico, para fins de publicação, que por escritura de justificação e venda, lavrada em 23 de Dezembro de 1994, a Fls. 20 v.º e seguintes, do livro de notas n.º 8-B, deste Cartório, a Cargo da Notária **Zulmira Maria Neves da Silva**, compareceram: **ALMENO SILVA DE CASTRO** e mulher **ZULMIRA MARIA MOREIRA DE CASTRO**, casados no regime da comunhão de adquiridos, naturais, ele da freguesia de Anisso, concelho de Vieira do Minho e ela da freguesia e concelho de Pedrógão Grande, habitualmente residentes na Quinta da Torrinha, vivenda Rosa Lena, rés-do-chão, direito em Almeixoeira, cidade de Lisboa, contribuintes fiscais respectivamente números 115251786 e 136129102, declararam que, com exclusão de outrem são donos e legítimos possuidores do seguinte prédio:

Dois — Prédio rústico, sito em Vinha dos Pereiros, composto de terreno de cultura com videiras e fruteiras, com a área de noventa metros quadrados, a confrontar: do norte poente e do nascente com Almemo Silva de Castro, do sul, com Artur Francisco, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 16992, com o valor patri-

monial de seiscentos e oitenta e sete escudos, omissos na dita Conservatória, e inscrito na matriz em nome do primeiro outorgante.

Que o prédio referido sob o número dois lhes pertence por o possuírem há mais de vinte anos, e que durante aquele tempo o possuem em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente com o conhecimento e acatamento de toda a gente, sendo por isso, uma posse pública, pacífica e contínua, pelo que adquiriram o referido prédio por usucapião, não havendo todavia, dado o modo de aquisição documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Que atribuem ao referido prédio o valor de vinte mil escudos, valor desta justificação.

Está conforme o original.

Cartório Notarial de Pedrógão Grande, 5 de Janeiro de 1994.

O Ajudante,

(Assinatura ilegível)

res e outro, nascente com Joaquim Luís Coelho, sul com Aníbal Graça Ferreira e poente com o caminho, inscrita na matriz em nome do justificante marido sob o artigo 9.643, com o valor patrimonial de quinze mil cento e oitenta escudos, que é também o que atribuem a este acto para efeitos fiscais e emolumentares, e omissa na Conservatória do Registo Predial de Pedrógão Grande.

Que o mencionado prédio veio à titularidade deles justificantes por o haverem possuído em nome próprio e durante mais de vinte anos, sem a menor oposição de quem quer que seja desde o início, posse que sempre exerceram ostensivamente com o conhecimento de toda a gente do lugar e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno cultivando a terra, colhendo dela todos os seus frutos, roçando o mato,

extraíndo do prédio todas as suas utilidades, pelo que sendo uma pose pacífica, pública, contínua e de boa fé, durante aquele período de tempo adquiriram o prédio por usucapião.

Nestas circunstâncias impossibilitados estão, eles Justificantes de comprovar pelos meios extrajudiciais normais a aquisição do referido prédio para o efeito de o registarem a seu favor na competente Conservatória do Registo Predial.

Está conforme ao original.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, vinte e sete de Dezembro de mil novecentos e noventa e quatro.

O Ajudante do Cartório,

Constantino Agria Batista

Alguns apontamentos sobre a existência do PALÁCIO MARQUÊS DE POMBAL, em Oeiras

(Continuação da última página)

Muitos bustos em pedra mármore, de homens célebres ou de mulheres de corpo inteiro, proliferam por todo o jardim, vendo-se que 16 desses bustos, de imperadores romanos, estão incrustados no frontispício daquele que foi a adega e o celeiro.

A fonte das 4 bicas, também conhecida pela estátua das 4 estações, por estar ladeada por quatro figuras de mulheres, cada qual trazendo consigo um cacho de uvas, um feixe de palha de trigo, etc., conforme a época do ano em que qualquer desses produtos eram recolhidos.

Num dos extremos do jardim, aparece a CASCATA. Trata-se de uma singela e tosca construção, feita de pedras e conchas de peixes. Tem sido esse um local privilegiado por muitos grupos musicais ou de qualquer forma cantantes, que em certas noites ali têm vindo exhibir os seus números, à luz de holofotes, espalhados no relvado do jardim. E, também ao cimo do jardim, onde em tempos, existiu uma fonte, vê-se uma lápide com a seguinte inscrição: ESTA FONTE FOI FEITA PELO POVO DESTE LUGAR COM ORDEM DO SENADO NA ERA DE 1736.

E também trago à ribalta uma pintura em azulejo numa das escadas do jardim, representando uma mulher a correr atrás de uma raposa, com um varapau nas mãos, para lhe atirar uma galinha que a bicha levava nos dentes, a fugir.

A ribeira, que vem de Rio de Mouro, passa a todo o comprimento o jardim do Palácio e desagua na praia de Santo Amaro de Oeiras. Foi em tempos muito povoada de peixaria, tendo por isso, sido construída a CASA DA PESCA, para recolha dos seus apetrechos. Contudo, devido à poluição das suas águas, todo o pescado desapareceu, resistindo apenas algumas irozes que há cerca de meia dúzia de anos também sumiram. Actualmente, o que resta da fauna aquática daquela ribeira são umas pequenas aves, parecidas com as galinhas, que ali põem os seus ovos e criam os filhos, sem saírem da ribeira.

Era ainda esta ribeira navegável desde a sua foz, até ao jardim, mas por pequenos barcos que ali vinham buscar as pipas de vinho, que era vendido à Companhia do Alto Douro, mas apenas o faziam quando o volume das suas águas o permitia e que o mar estivesse de maré alta.

No Verão de 1770, segundo diz a história, o Marquês, tendo convidado a Família Real a passar umas férias na sua quinta, quiz proporcionar-lhe uma diversão. Para isso, expediu ordens às autoridades para intimarem todos aqueles que na sua área fabril, de indústria, comércio e especialmente agrícola — tendo, pelo menos esta última, como grande impulsor o Marquês, conforme o atestam certas figuras,

fixadas na estátua do Marquês, na Avenida da Liberdade —, viessem expor os seus mostruários com os artefactos, na sua quinta, em redor do Palácio.

Ordens dadas por aquela mão de ferro, tiveram de ser cumpridas, com vontade ou sem ela, pelos seus expositores e a feira realizou-se.

O derradeiro dia que o Marquês passou em Oeiras, na sua propriedade, foi a 9 de Março 1777. Viera para a sua quinta a 5, depois de demitido e aviltado por muitos daqueles que ele favorecera, alguns dos quais se comprove a tirar do nada. Aculado pelos inimigos, a população vaiava onde aparecesse o homem, decaído pela desgraça. Naquele dia, mal chegou à porta do Palácio virou e desapareceu a galope para a terra do degredo e última morada, bem amarga que devia ter sido. Ia roído de saudades por nunca mais poder ver o seu Palácio, nem ao menos a sua grande cozinha, onde eram confeccionados magníficos banquetes, servidos depois no salão, ao lado ou à sombra de duas frondosas aurocárias, plantadas no jardim, mesmo junto das portas desse salão, cujas árvores, já tão velhinhas, são mais altas que o Palácio e a sua circunferência na base é de cerca de 4 metros. Serve actualmente este salão de Biblioteca. É ainda naquela cozinha que são feitos os almoços para o pessoal que trabalha no aludido Instituto, bem como, para os estudantes que frequentam algum curso ou para os professores que os dão.

Todos os terrenos extra-muros do jardim, que pertenceram ao Marquês, que os ocupava com as suas vinhas, oliveiras, cereais, etc., estão quase totalmente transformados, com blocos de cimento e aço e pertencem a outros donos.

Há umas décadas atrás, era proprietário deste Palácio e da quinta, um tal Dr. Artur Brandão, que ali viveu cerca de 14 anos com a família, segundo me contou um seu neto, com o mesmo nome do avô, mas porque o seu dono não pudesse comportar a despesa da sua conservação, fez venda do mesmo à Fundação Calouste Gulbenkian e, mais tarde, o seu Presidente, Dr. Azeredo Perdigão, afectou o mesmo, à Presidência do Conselho de Ministros. Há cerca de 15 anos passou ali a funcionar o INSTITUTO NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO, como já referi, ficando apenas na posse da Fundação o edifício onde funciona o seu laboratório de biologia.

As visitas ao Palácio estão muito limitadas, para assim se evitar que os visitantes perturbem alunos e professores. Também as visitas ao jardim não são livres e são normalmente feitas em grupos, mas sempre acompanhados por um cicerone do Palácio.

Dezembro de 1994.

António da Rosa

LIVROS NOVOS



Catecismo da Igreja Católica em Perguntas e Respostas — Fabriciano Martin Avedillo

Pgs. 200 - Preço 1 000\$00.

O livro oficial do **Catecismo** é um volume de 689 páginas!

Sente-se a necessidade de o tornar inteligível para os «pequeninos».

Surgiu então a ideia de concentrá-lo, como os antigos catecismos, numa série não muito grande de perguntas e respostas.

A última parte deste volume traz ainda uma curiosa novidade: os Monges de Monserrat — famosos pelo sucesso obtido com os seus cânticos gregorianos — fizeram uma distribuição de todo o **Catecismo** oficial através do Ano Litúrgico, com evidente interesse pastoral.

Só para rir

Adivinha

Primeiro entra e, só depois é que abre a porta.
Que é?

Solução da anterior: IVO.

Anekdotes

Depois do espectáculo:
— Deve ser terrível para uma cantora aperceber-se de que já começa a perder a voz!
— Mais terrível para os outros é quando ela não se apercebe!

★ ★ ★

Uma feia, de 50 anos:
— Conheces aquele senhor naquela mesa ao canto?
Desde há 15 minutos que não tira os olhos de mim.

— Claro que conheço! — diz-lhe a amiga, com certa malícia. E o antiquário da rua ao lado da minha!

★ ★ ★

No stand de automóveis:
— Diz você que este carro não presta para nada? Pois olhe que temos vendido às dúzias!
— E então como é que vendem à dúzia?...

As pinturas rupestres do Cão

(Continuação da última página)

paredes ou no tecto de grutas ou cavernas, nas paredes de simples abrigos rochosos ou palas, nos esteios e coberturas de dólmans ou antas ou em rochedos, ao ar livre.

Para melhor conhecimento do assunto — arte rupestre —, remetemos os nossos leitores para a página 390, Tomo 26 da Grande Enciclopédia Portuguesa.

São de grande fama as pinturas rupestres numa caverna perto de S. Sebastião, Espanha, chamada «Capela Sistina de Arte Quaternária».

Também na Barragem de Fratel, as águas do Tejo cobrem uma considerável área de gravuras rupestres, de grande valor, com seis mil anos de existência. Quando se construiu a

barragem, há 24 anos, ainda não se falava no património cultural das pinturas rupestres, como hoje o assunto se ventila.

As de Vila Nova de Foz Côa foram descobertas há cerca de dois anos, mas a descoberta foi ocultada do conhecimento público, para não se embargar a construção da Barragem projectada e em andamento.

A UNESCO virá ao local para estudar as gravuras e possivelmente, insistir na paralização das obras, pois o valor arqueológico das pinturas de 18 mil anos é superior ao valor material da barragem em construção.

Os sábios da Arqueologia consideram que é incalculável o valor destas pinturas da Idade da Pedra.

Merecem bem ser preservadas, mesmo sacrificando-se a obra da barragem.



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

AGORA COM SERVIÇO DE BANCO COMPLETO

SERVIÇOS BANCÁRIOS AO DISPOR DAS COMUNIDADES RURAIS

CONTA DEPÓSITO À ORDEM
CONTA DEPÓSITO A PRAZO
CONTA POUPANÇA MEALHEIRO
CONTA POUPANÇA JOVEM
CONTA POUPANÇA REFORMADO
CONTA POUPANÇA À ORDEM
CONTA ESPECIAL EMIGRANTE
CONTA SERVIÇOS
CONTA RENDIMENTO MENSAL
CONTA CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADES

CARTÃO VERDE GARANTIA
CARTÃO VISA
CARTÃO MULTIBANCO
TRANSFERÊNCIAS INTERBANCÁRIAS
OPERAÇÕES COM O ESTRANGEIRO
CÂMBIOS
INVESTIMENTOS NA BOLSA

CRÉDITOS PARA:
AGRICULTURA
FLORESTA
PECUÁRIA
AGRO-INDUSTRIAS
AGRO-ALIMENTARES
AGRO-TURISMO
TURISMO RURAL
JOVENS AGRICULTORES

APOIO AO COMÉRCIO E SERVIÇOS

APOIOS FINANCEIROS COMUNITÁRIOS (CEE)

BEM-ESTAR RURAL

AS CAIXAS DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUA

podem já financiar actividades não agrícolas, proceder a operações cambiais e com o estrangeiro, emitir cartões, Multibanco e de crédito, emitir títulos de investimento, facultando-lhe assim, aos seus clientes e associados o serviço de banco completo.

UM APOIO DIFERENTE AOS SEUS INVESTIMENTOS

Oferecemos-lhe as melhores TAXAS DE JURO

CONSULTE-NOS

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUA

Telefs. (036)52564-52857 - Fax 53263

Rua Luís Quaresma Val do Rio, 24 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telef. (036)36412 - Fax 36315 - 3250 CABAÇOS - ALVAIAZERE

Telef. (036)46328 - Fax 46210 - 3270 PEDRÓGÃO GRANDE

O NOSSO CORREIO

Desde 14 de Dezembro de 1994 até 12 de Janeiro de 1995, pagaram a sua assinatura do "Voz da Graça" os seguintes assinantes:

Com 7 700\$00 — Sr. João Barreto Rosa — Pombal.

Com 7 500\$00 — Sr. Aníbal Tainha Lopes da Costa — Carvalhos.

Com 6 000\$00 — Sr. Adelino Ferreira Graça — Brasil.

Com 5 000\$00 — Srs. Virgínia Dias Vitorino — Lisboa; Manuel Carvalho da Silva — África do Sul; Dr. Armando Tavares — Coimbra; D. Eduarda Lopes Dias — Cabril da Pampilhosa; Gabriel Nunes Henriques — Sacavém; Armindo Rosa Lopes — Cabeças.

Com 4 525\$00 — Sr. Luciano Prata Anjos — Canadá.

Com 3 000\$00 — Srs. Marcolino de Matos — M. de Cavaleiros; António Coelho da Fonseca — Lisboa.

Com 2 500\$00 — Sr. Constantino Coelho da Silva — França.

Com 2 000\$00 — Srs. Marcello Graça Nunes — Lisboa; José Gonçalves — Vila Nova de Gaia; João Mendes da Silva — França; Armando David — Buraca; Raul Martins Nunes — Vila Nova de Gaia; Paulo Jorge David Reis — Louriceira; Joaquim Nogueira

ra Dias — Lisboa; Dr. Francisco H. das Neves — Angra do Heroísmo; José Henriques Nunes Pereira — Sacavém; Custódio José Carvalho Rosa — Figueira; João Henriques da Costa — Leiria.

Com 1 500\$00 — Srs. José Pereira — Penela; Dr. Francisco Rodrigues Pardal — Oeiras; D. Isabel Maria Soares Valadao — Praia da Vitória; Abílio Tavares Rosa — Feijó; D. Aida da Silva Nunes — Baixa da Banheira.

Com 1 200\$00 — Srs. Mário Paiva Carvalho — Marinha; Rev.ª P.ª António Lourenço Amorim — Tomar; D. Ofélia Antunes — Porto Salvo.

Com 1 100\$00 — Sr. António José da Silva — Pedrógão Pequeno.

Com 1 000\$00 — Srs. José H. David — Figueiró dos Vinhos; Martinho da Conceição Santos — Figueiró dos Vinhos; D. Olívia Ferreira Nunes — Encheçamas; António Antunes Barra — V. da Galega; José da Conceição Simões — Figueiró dos Vinhos; D. Maria Adelaide Carvalho — Arados; António Henriques — Troviscais; Ângelo Almeida Cortês — Bouça; Vasco Pereira Martins — Figueiró dos Vinhos; D. Idalina de Jesus Godinho Costa — Maças de Dona Maria; Prof.ª D.

Hima Ordens C. Martins Almada — Pedrógão Grande; António Henriques Simões — Pedrógão Grande; José Pereira da Silva — Figueiró dos Vinhos; D. Maria do Carmo Almeida — Castanheira de Pera; José Lopes — Outão; Albino Bernardo Vaz — Escalos do Meio; José Viola — Valongo; Aníbal Conceição Fernandes — Escalos Fundeiros; Manuel Carvalho — Ágria; Manuel Encarnação Nunes do Carmo — Ágria; Alfredo Henriques Rodrigues — Escalos Cimeiros; Abílio Fernandes — Escalos do Meio.

Com 100\$00 — António da Rosa — Lisboa; D. Maria Eduarda do Carmo Campos — Lisboa; Rufino Esquina Luís — Casal do Neto; D. Maria do Céu Duarte Dinis — Cacém; Abílio Pires — Pedrógão Grande; Vicente Marques Pedroso — Pedrógão Grande; Norberto M. Marques Pedroso — Lisboa; Abílio Tomás Dinis — Escalos do Meio; Gilberto Nunes — Valongo; D. Fernanda da Conceição Coelho — Moscaide; D. Helena de Sousa Santos — Nodeirinho; António Dias da Silva — Lavandeira; António da Costa Lopes — Lavandeira; David Almeida Batista — Pinheiro da Piedade; José Simões Moreira — Ermesinde; António Manteigas — Pedrógão Grande; D. Senorina Marques Pereira — Mó Grande; António Assunção Abreu — Troviscais Cimeiros; D. Alda das Neves — Aldeia das Freiras; Aulélcio Antunes — Lameirão; Aníbal Conceição Dinis de Carvalho — Várzeas.

Os Papas da Igreja



190 — HONÓRIO IV

Nasceu em Roma. Eleito a 20.V.1285, morreu a 3.IV.1287. A sua primeira preocupação foi pôr em ordem o estado pontifical. Impulsionou a Universidade de Paris e tenta a reaproximação a Igreja grega. Procura um acordo com os islâmicos. Reconheceu a ordem dos Carmelitas.



191 — NICOLAU IV

Nasceu em Ascoli. Eleito a 22.II.1288, morreu a 4.IV.1292. Põe ordem na Corte de Portugal. Favoreceu o progresso nos estudos instituindo a Universidade de Montpellier. Da maior importância às missões e combate os Sarracenos ajudado pelas forças de Génova. Foi o primeiro Pontífice franciscano.

Rotunda precisa-se urgentemente



Poder-se-á chamar a **rotunda do Outão** e ter a sua localização e disposição de acordo com os técnicos chamados a projectá-la e a inseri-la no local. O que é preciso é iniciar a sua construção urgentemente pois como as coisas estão é que não pode ser. Senão vejamos: a Câmara Municipal de Pedrógão Grande procedeu e bem, ao alargamento do acesso sul do IC-8 à EN 350, pôs um cheirinho de alcatrão no piso, colocou umas placas de informação e umas quantas de sinalização a esmo e agora os utentes utilizam a torto e a direito o acesso num verdadeiro **salve-se quem puder!** O sentido obrigatório da foto há muito que foi derrubado e desapareceu, o piso está a ficar careca, os nossos pneus e a nossa paciência também! Quem sai da via-rápida e entra na primeira curva que lhe aparece pela frente, depressa se apercebe que ali começa outro mundo que nada tem a ver com progresso e desenvolvimento, à excepção da magnífica área de serviço da **CEPSA**, que fica assim algo desenquadrada naquele ambiente degradado, uma espécie de oásis no meio do

deserto! E é pena, pois é um péssimo cartão de visita para quem se dirige à freguesia da Graça e uma falta de respeito e sensibilidade perante os agentes económicos que investiram na sua terra, convencidos das inevitáveis mudanças que tardam! E a propósito de decisões tardias, aqui ficam duas simples questões: para quando o conveniente arranjo urbanístico deste local? E em que ano a Autarquia pensa iniciar a construção das estradas de acesso à Graça e a Vila Facaia? Certamente vai ser a J.A.E. (*) a responsável pela apatia e morosidade do processo!

Apesar de nos tentarem vencer do contrário, achamos que é muito mais fácil fazer promessas do que cumpri-las. Tenham a cor que tiverem!

C. G.

(*) Também não sabemos porque espera a **JAE** para proceder à reparação da **EN 350** entre Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande, já prometida desde 1992! Um assunto a ponderar rapidamente pela Sr.ª Directora de Estradas de Leiria, pois já vai sendo tempo de fazer alguma coisa pelos concelhos do nordeste do distrito.

Alguns apontamentos sobre a existência do PALÁCIO MARQUÊS DE POMBAL, em Oeiras

Quem, como o autor destas letras, que durante 9 anos vigiou os grandes salões do PALÁCIO MARQUÊS DE POMBAL, ao serviço do INSTITUTO NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO, que ali passou a funcionar há cerca de 15 anos, gostaria, de harmonia com o que presenciei e com o que averigui, de dar alguns esclarecimentos sobre tão sumptuoso monumento, digno de admiração.

A entrada principal, constituída por um formoso portão brasonado, que dá para um pátio empedrado com a estrela do Marquês ao centro. Na escadaria de dois garbosos lanços pisa-se um patamar de lage onde, diz-se, tantas vezes rangeram as botas do Marquês. Salões sucedem-se a salões, actualmente ocupados com salas de aula, do referido Instituto, onde se ministram os mais variados cursos, leccionados por professores de diferentes nacionalidades e com os serviços administrativos. Salões estes, todos traçados com azulejos, com pinturas de montarias e batalhas.

A capelinha, atribuída de morada nobre, não podia faltar, tendo ao alto a sua sineira, a chamar o povileu da vila e porta particular, a deixá-lo entrar.

Ali, dentro das próprias maquinas, com que vieram de Roma, estão os corpos mumificados de St.ª Vitória, St.ª Leonor e São Bruciano, com que o Papa presenteou o Marquês, mas devido à acção do tempo, os res-

tos sagrados estão a dar sinais de ressequimento e deterioração. A sala da CONCÓRDIA em que se vê no tecto a pintura do Marquês, de mãos dadas com os seus irmãos, o Paulo e o Francisco Xavier Mendonça, simbolizando a amizade, de que tinham andado afastados.

No rés-do-chão, ainda se ali vêem vestígios do que foi o calabouço, onde o Marquês (acomodava) alguns que o detestavam. Este local, foi adaptado a Bar, mas ainda se ali vêem três frestas numa das paredes, por onde os encarcerados recebiam o ar e a luz. Noutro local vêem-se, em mau estado de conservação, as duas azenhas onde eram triturados os cereais, produzidos nos terrenos do Marquês. A Poente do Palácio, separado pelo jardim, situam-se aquelas que foram as construções agrícolas. A primeira, com cerca de 300 metros, era a adega onde o Marquês recolhia cerca de 400 pipas do famoso vinho de Carcavelos. No piso de cima, era o celeiro, onde eram recolhidos os cereais. Os dois pisos estão agora adaptados aos estudos de Informática. Somente resta na adega, o depósito de pisar as uvas, que não pudera ser desfeito. Depois surge a Casa da Malta, um edifício não inferior à adega, onde os operários que trabalhavam nos terrenos do Marquês pernoitavam e confeccionavam as suas refeições. Agora é o Centro de Línguas do referido Instituto. E existe ainda a Casa do Alambi-

que e uma outra, que foi o lugar de azeite, que ainda não foi remodelada, vendo-se ainda ali as três mós, que eram movidas por animais e aqueles dois grandes penedos, que contribuíram para comprimir a massa da azeitona.

Quando foi do terramoto de 1755, que atingiu Lisboa e arredores, Oeiras também não escapou ao flagelo. O Palácio, tremeu mas devido às suas grossas paredes, não ruíu, sofrendo contudo, pequenos danos, como o atestam várias fendas nas paredes de algumas das suas portas. Também, segundo se diz. Nesse dia estava o povo daquela localidade a ouvir missa, na Igreja Matriz, quando após um sussurro, que vinha de baixo do chão, o Templo também tremeu, deixando que na sua abóboda se abrisse uma fenda, permitindo ver o azul do céu. O povo assustado, acotovelava-se para fugir, quando novo sussurro surgiu e a abóboda voltou a unir-se.

No grande jardim do Palácio, não são apenas rosas ou outras flores que ali são criadas. Também árvores de fruto ali são cultivadas, tais como figueiras de várias qualidades, uma das quais dá duas camadas de figos, uma a seguir à outra; laranjeiras, alperces e uma frondosa bananeira, que julga talvez de estar na Madeira e dá por ano, entre 4 a 5 cachos de bananas.

(Continua na pág. 7)

As pinturas rupestres do Côa

É recente a descoberta das gravuras rupestres nas paredes do Rio Côa, numa longa área de terreno. Calculam os técnicos na ciência, que tenham cerca de 18 mil anos, nada menos. É, pois, um achado arqueológico muito importante e tão importante que, no dia 20 de Dezembro de 1994 o Ministério da Cultura considerou de Monumento Nacional. Correm porém, o perigo de vir a ficar coberto pelas águas da futura barragem do Côa, já em construção, sem que o dito Ministério lhe possa valer, pois a população local tem mais interesse pela barragem do que pelas pinturas arqueológicas.

Arte rupestre compreende os baixos relevos, gravuras e pinturas que o homem da pré-história e da proto-história executou nas

(Continua na pág. 7)